

Revista Espírita

Jornal de Estudos Psicológicos

ANO III

AGOSTO DE 1860

Nº 8

Aviso

O escritório da Revista Espírita e o domicílio particular do Sr. Allan Kardec foram transferidos para a Rua Sainte-Anne, nº 59, passagem Sainte-Anne.

Boletim

DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS

Sexta-feira, 29 de junho de 1860 – Sessão particular

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 22 de junho.

Leitura de uma carta do Dr. de Grand-Boulogne, antigo vice-cônsul da França, pedindo para ser admitido como membro correspondente em Havana, para onde irá brevemente.

A Sociedade o admite nessa condição, e como sua carta contém observações muito judiciosas sobre o Espiritismo, requer inserção na *Revista*.

Comunicações diversas:

Leitura de um ditado espontâneo recebido pela Sra. Costel, sobre as *Origens*, assinado por Lázaro.

Relato de manifestações físicas espontâneas que ocorreram ultimamente na Rua des Noyers, noticiadas por vários jornais, lembrando fatos análogos que se passaram em 1849 na Rua des Grès. Alguns acrescentaram que os fatos ocorridos naquela rua resultavam de trapaças imaginadas pelo inquilino para rescindir o contrato de locação.

O Sr. de Grand-Boulogne disse a respeito que pode certificar a autenticidade desses fatos, referidos, aliás, pelo Sr. de Mirville, que tomou todas as informações necessárias para assegurar-se de sua realidade.

Um sócio observa que, no caso, a afliência de curiosos tinha-se tornado tão incômoda para os interessados que eles se desembaraçaram levando a coisa à conta de malquerença. Temendo ver a casa deserta, o proprietário teve todo interesse em não acreditar nas manifestações. Tal é a razão do desmentido muitas vezes dado a fatos dessa natureza.

Estudos:

1º Discussão sobre o mérito e a eficácia das provas do homem de bem, suportadas com vistas a proporcionar alívio aos Espíritos sofredores e infelizes, a propósito de uma passagem da carta do Sr. de Grand-Boulogne.

A respeito, observa ele que a eficácia da prece, considerada como prova de simpatia e de comiseração, uma vez constatada, podem-se considerar as provas que nos impomos com esse objetivo como um testemunho análogo que deve produzir os mesmos efeitos que a prece. A intenção é tudo, neste caso, e se deve encará-la como uma prece mais ardente ainda do que aquela que só consiste em palavras.

2º A Sra. N... expressa suas dúvidas quanto à identidade do Espírito que lhe deu alguns conselhos na última sessão, e que não considera aplicáveis. Roga seja perguntado, por outro médium, se o Espírito que se comunicou é mesmo São Luís. Acrescenta que julgou ver, na natureza de suas reflexões, um sentimento pouco benevolente, que não se coaduna com a sua habitual mansuetude. Foi isso que lhe suscitou dúvidas.

Interrogado a respeito, por intermédio da Srta. H..., respondeu São Luís: “Sim, fui eu mesmo quem veio traçar aquelas linhas e vos dar um conselho. É injustamente que recebem mal os meus conselhos. É preciso que aquele que quer avançar na senda do bem saiba aceitar os conselhos e os avisos que se lhes dão, mesmo que firam o seu amor-próprio. A marca de seu progresso consiste na maneira doce e humilde por que os recebe. Outrora, quando me encontrava na Terra, não dei provas de grande humildade, submetendo-me, sem murmurar, às decisões da Igreja, e mesmo às penitências que me impunha, por mais humilhantes que fossem? Sede, pois, dóceis e humildes, se não fordes orgulhosos; aceitai os conselhos; tratai de corrigir-vos e progredireis.”

O Sr. T... observa que, em vida, nem sempre São Luís se submeteu à Igreja, visto ter lutado contra as suas pretensões.

Responde São Luís: “Dizendo que me submeti às penitências impostas pelos chefes da Igreja, disse-vos a verdade. Mas não vos disse que minha conduta tenha sido sempre irrepreensível; fui um grande pecador perante Deus, embora os homens, mais tarde, me tenham concedido o glorioso título de santo.”

O Sr. Allan Kardec acrescenta que São Luís sempre se submeteu às decisões da Igreja no tocante aos dogmas; só lutou contra as pretensões de outra natureza.

3º Perguntas sobre os conselhos de São Luís, relativamente às experiências de manifestações físicas, aconselhando a Sociedade a não se ocupar com elas.

4º Perguntas referentes à faculdade mediúnica nas crianças, a propósito das manifestações obtidas na última sessão pelo jovem N...

5º Perguntas sobre as manifestações da Rua des Noyers.

6º Dois ditados espontâneos são obtidos simultaneamente: o primeiro pela Sra. Costel, sobre a *Eletricidade do pensamento*, assinado por Delphine de Girardin; o segundo pela Sra. Lubr..., a propósito dos conselhos dados pelos Espíritos, assinado por Paul, Espírito familiar.

Sexta-feira, 6 de julho de 1860 – Sessão particular

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 29 de junho.

Comunicações diversas:

O Sr. Achille R... lê uma carta de Limoges, na qual o autor fala de um médium, amigo seu, que um Espírito faz trabalhar de oito a nove horas por dia; diz ele que esse Espírito deve dar-lhe um meio infalível para assegurar-se da identidade dos Espíritos e de jamais ser enganado. Mas lhe aconselha segredo sobre esse ponto e sobre suas comunicações em geral.

O Sr. Allan Kardec observa a respeito que vê três motivos de suspeita neste caso: o primeiro é a duração do trabalho imposto ao médium, o que é sempre um sinal de obsessão. Sem dúvida os Espíritos bons podem pedir ao médium que escreva, mas, em geral, não são imperativos e nada prescrevem de absoluto, nem quanto às horas, nem quanto à duração do trabalho; ao contrário, detêm o médium quando há excesso de zelo. O segundo

é o pretenso processo infalível para assegurar-se da identidade, e o terceiro, finalmente, a recomendação de guardar segredo. Se a receita fosse boa, ele não devia fazer mistério. Parece-lhe que o Espírito quer apoderar-se do médium, a fim de o manobrar à vontade, em favor da suposta infalibilidade de seu processo. Provavelmente teme que outros vejam as coisas às claras e frustrem suas manobras; daí por que recomenda silêncio, a fim de não ter contraditores: é o meio de sempre ter razão.

Estudos:

1^o Evocação de François Arago pela Srta. H... São Luís responde que não é o médium que convém a esse Espírito. Aconselha a escolher outro.

Diversas perguntas são feitas sobre a aptidão especial dos médiuns para receber comunicações de tal ou qual Espírito. A resposta é: “Um Espírito vem de preferência a uma pessoa cujas idéias são simpáticas às que possuía em vida; há relação de pensamentos entre o Céu e a Terra ainda maiores do que as existentes na Terra”.

2^o Pergunta proposta pelo Sr. conde de Z... sobre a distinção feita por certos sonâmbulos lúcidos, que designam os homens por *luz azul* e as mulheres por *luz branca*. Indaga se o perispírito teria uma cor diferente conforme os sexos. Resposta do Espírito interrogado: “Isto não tem nenhuma relação com o nosso mundo; é um fato puramente físico e depende da pessoa que vê. Entre os homens há os que, mesmo despertos, não vêem certas cores ou as vêem diferentemente dos outros. Dá-se o mesmo com as pessoas adormecidas: podem ver o que outras não vêem.”

3^o Quatro ditados espontâneos são obtidos: o primeiro pela Srta. Huet..., do Espírito que continua suas memórias; o segundo pelo Sr. Didier, sobre a *Eletricidade Espiritual*, assinado por Lamennais; o terceiro pela Sra. Costel, sobre as *Altas Verdades*

do Espiritismo, assinado por Lázaro; o quarto pela Srta. Stéphan, sobre *A cada um a sua tarefa*, assinado por Gustave Lenormand.

Sexta-feira, 13 de julho de 1860 – Sessão geral

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 6 de julho.

O Sr. Eugène de Porry, de Marselha, presta homenagem à Sociedade com o seu novo poema, intitulado: *Linda, legenda gaulesa*. A Sociedade recorda seu encantador poema *Urânia*, exprimindo-lhe seus agradecimentos por lhe ter enviado a nova obra. A Srta. P... é encarregada pela Sociedade de o relatar.

Comunicações diversas:

1^o O Sr. S... transmite uma nota sobre um homem que, no ano passado, suicidou-se na Rua Quincampoix, a fim de isentar o filho do serviço militar, tornando-o filho único de mulher viúva. Pensa-se que sua evocação será instrutiva.

2^o O Sr. de Grand-Boulogne envia uma nota sobre o muçulmano Seih-ben-Moloka, que acaba de falecer em Túnis, com cento e dez anos de idade e cuja vida foi notável pelos atos de caridade que realizou. Será evocado.

Trava-se uma conversa sobre a questão da longevidade. O Sr. de Grand-Boulogne, que viveu muito tempo entre os árabes, diz que os exemplos dessa natureza não são muito raros entre eles, o que o leva a atribuí-lo à sobriedade. Conheceu um com cerca de cento e trinta anos. O Sr. conde Z... diz que a Sibéria talvez seja a região onde a longevidade é mais freqüente. A sobriedade e o clima por certo haverão de exercer grande influência sobre a duração da vida; mas o que, sobretudo, deve contribuir para isso é a tranqüilidade de espírito e a ausência de preocupações morais que em geral afetam as pessoas do mundo civilizado, consumindo-as prematuramente. Eis por que se encontram maiores velhices entre aqueles cujas vidas estão mais próximas da Natureza.

3º O Sr. Allan Kardec relata um caso pessoal, que mostra o desejo que experimentam certos Espíritos de serem evocados, quando jamais o foram. Aproveitam as ocasiões propícias de se comunicar, quando estas se apresentam.

4º Vários membros comunicam o protesto, publicado por diversos jornais, do Sr. Lerible, antigo negociante de carvão da Rua des Grès, na casa do qual ocorreram, em 1849, notáveis manifestações, cuja autenticidade tinha sido posta em dúvida.

Estudos:

1º Exame crítico da dissertação de Lamennais sobre a *Eletricidade Espiritual*, feita na sessão de 6 de julho. O Espírito explica e desenvolve os pontos considerados obscuros.

2º Evocação do suicida da Rua Quincampoix.

3º Evocação de Gustave Lenormand.

4º Perguntas diversas sobre os médiuns.

5º Três ditados são obtidos simultaneamente: o primeiro, sobre o *Saber dos Espíritos*, assinado por Channing; o segundo, continuação da *Eletricidade do Pensamento*, assinado por Delphine de Girardin; o terceiro, sobre a *Caridade*, assinado por Lamennais, a propósito da nota lida sobre o muçulmano Seih-ben-Moloka.

Sexta-feira, 20 de julho de 1860 – Sessão particular

Leitura da ata e dos trabalhos da sessão de 13 de julho.

O Presidente faz observar que, desde algum tempo, têm-se negligenciado de ler, como fora combinado, os nomes dos Espíritos que reclamam assistência. Doravante isto será feito em seguida à evocação geral.

Comunicações diversas:

1º Leitura de dois ditados obtidos pelo Sr. C..., novo médium, um sobre as *Pretensões do homem*, assinado por Massillon; o outro sobre o *Futuro*, assinado por São Luís. Pergunta o Sr. C... se, sobretudo neste último ditado, não existe algo que denote uma substituição de Espírito, sem se levar em conta a sua própria opinião.

Após uma leitura atenta, a Sociedade reconhece na comunicação o cunho de uma incontestável superioridade, nada vendo que desminta o caráter de São Luís, concluindo que não pode emanar senão de um Espírito elevado.

2º Outro ditado sobre a *Experiência*, obtido pela Sra. Costel e assinado por Georges.

O presidente anuncia que vários sócios novos fazem notáveis progressos como médiuns de diversos gêneros. Convidamos a comunicar à Sociedade os fatos que obtiverem. A Sociedade é necessariamente limitada em seus trabalhos pelo tempo; deve ser o centro a que chegarão os resultados obtidos nas reuniões particulares. Seria até egoísmo guardar para si trabalhos que podem ser úteis a todos. Aliás, é um meio de controle, pelos esclarecimentos que podem suscitar, a menos que o médium esteja convencido da infalibilidade de suas comunicações, ou tenha recebido, como o de Limoges, a imposição de os manter secretos, o que certamente seria um mau augúrio e um duplo motivo de suspeita. A primeira qualidade de um médium é a abnegação de todo amor-próprio, como de toda falsa modéstia, pela simples razão de que, não sendo mais que um instrumento, não pode atribuir-se o mérito do que recebe de bem, nem se melindrar com a crítica do que pode ser mau. A Sociedade é uma família, cujos membros, animados de recíproca benevolência, devem ser movidos pelo único desejo de instruir-se, banindo todo sentimento de

personalismo e de rivalidade, se compreendem a doutrina como verdadeiros espíritas. A propósito, o Sr. C... deu muito bom exemplo e mostrou não ser desses médiuns que julgam nada mais ter a aprender, só porque recebem algumas comunicações assinadas por grandes nomes. Ao contrário, quanto mais imponentes os nomes, mais devemos temer ser joguete de Espíritos enganadores.

3º O Sr. Achille R... lê uma carta, relatando um fato curioso de manifestação espontânea, ocorrido na prisão de Limoges, cuja realidade foi constatada pelo autor da carta. (Publicada adiante, no artigo *Varietades*).

4º O Sr. Allan Kardec narra outro fato muito bizarro, que lhe foi relatado no ano passado, por um visitante cujo nome e endereço não se recorda, fonte a que, em consequência, não pode recorrer para o verificar. Eis do que se trata:

Um médico crente e um seu amigo que em nada acreditava conversavam a respeito do Espiritismo; o primeiro disse ao outro: “Vou tentar uma prova; ignoro se dará resultado; em todo caso, não respondo por nada. Designai-me uma pessoa viva que vos seja muito simpática.” Tendo o amigo indicado uma moça que reside numa cidade bastante afastada e que era igualmente conhecida do médico, este lhe disse: “Ide passear no jardim e observai o que se passa; repito que é um ensaio que faço e que pode não produzir nada.” Durante o passeio do amigo ele evocou a jovem. Ao cabo de um quarto de hora o amigo voltou e lhe disse: “Acabo de ver aquela pessoa; estava vestida de branco, aproximou-se de mim, apertou-me a mão e desapareceu em seguida. Mas o que é muito singular é que me deixou no dedo este anel.” Imediatamente o médico enviou ao pai da moça o seguinte telegrama: “Não me questioneis; mas respondi-me sem demora e dizei o que fazia vossa filha às três horas e como estava vestida.” A resposta foi esta: “Às três horas minha filha estava comigo no salão; usava um vestido branco; adormeceu durante quinze a vinte

minutos; ao despertar, percebeu que não tinha mais o anel que usa habitualmente.”

Travou-se uma discussão sobre o fato, cujos diferentes graus de probabilidade e de improbabilidade foram examinados. Interrogado a respeito, São Luís responde: “O fato da aparição é possível; o do transporte não o é menos, pelo perispírito de uma pessoa viva. Certamente, a Deus tudo é possível, mas ele não permite tais coisas senão muito raramente. Um Espírito desprendido pode fazer esses transportes mais facilmente. Quanto a vos dizer se o fato é verdadeiro, eu o ignoro.”

Nota – Publicado o fato, se por acaso cair nas mãos da pessoa que o relatou, seremos gratos pelos esclarecimentos que houver por bem nos dar a respeito.

Estudos:

1º Perguntas sobre os Espíritos que tomam nomes fictícios.

2º Evocação do Espírito da Rua des Noyers.

3º São obtidos cinco ditados espontâneos: o primeiro de Lamennais, sobre uma retificação que pede, da ata de sua comunicação sobre a *Caridade*; o segundo, sobre *As vítimas da Síria*, assinado por Jean; o terceiro, sobre *As aberrações da inteligência*, assinado por Georges; o quarto sobre *Os erros dos médiuns*, assinado por Paul; e o quinto sobre o *Concurso dos médiuns*, assinado por Gustave Lenormand.

Durante a sessão ouviram-se batidas muito distintas perto da Srta. Stephan. Era o Espírito Gustave que, como disse, queria constrangê-la a escrever coisas com que ela pouco se importava. Pensou que era um meio de provocar perguntas que a obrigariam a vir à mesa, desejando ele mesmo dar uma comunicação por seu intermédio.

Depois da sessão, numa comunicação particular, tendo perguntado a São Luís se ficara satisfeito, respondeu ele: “Sim e não; errastes ao tolerar cochichos contínuos de certos membros, quando os Espíritos são interrogados. Por vezes recebeis comunicações que exigem réplicas sérias de vossa parte, e respostas ainda mais sérias da parte dos Espíritos evocados que, assim, ficai certos, ficarão descontentes. Daí nada pode sair perfeito, porque o médium que escreve experimenta por sua vez graves distrações, prejudiciais ao seu ministério. Há uma coisa a fazer: ler estas observações na próxima sessão, que serão compreendidas por todos os sócios. Dizei-lhes que aqui não é um gabinete para conversa.”

São Luís

Concordância Espírita e Cristã

A carta seguinte foi dirigida à *Sociedade de Estudos Espíritos* pelo Dr. de Grand-Boulogne, antigo vice-cônsul da França.

Senhor Presidente,

Desejando ardentemente fazer parte da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos, mas forçado a deixar a França brevemente, venho solicitar a honra de ser aceito como membro correspondente. Tenho a vantagem de vos conhecer pessoalmente e não necessito vos dizer com que interesse e simpatia acompanho os trabalhos da Sociedade. Li vossas obras, bem como as do barão Guldenstubbé e, conseqüentemente, conheço os pontos fundamentais do Espiritismo, cujos princípios adoto sinceramente, tais quais vos são ensinados. Como protesto aqui a minha firme

vontade de viver e morrer como cristão, esta declaração me leva a vos fazer a minha profissão de fé, e talvez vejais com que interesse minha fé religiosa acolhe naturalmente os princípios do Espiritismo. Na minha opinião, eis como as duas coisas se associam:

1. Deus: criador de todas as coisas.

2. Objetivo e fim de todos os seres criados: concorrer para a harmonia universal.

3. No universo criado, três reinos principais: o reino material, ou inerte; o orgânico ou vital; o intelectual e moral.

4. Tudo é criado e submetido a leis.

5. Os seres compreendidos nos dois primeiros reinos obedecem irresistivelmente, e por eles a harmonia jamais é perturbada.

6. Como os dois primeiros, o terceiro reino está submetido a leis, mas goza do estranho poder de subtrair-se a elas; possui a temível faculdade de desobedecer a Deus: é o que constitui o livre-arbítrio.

O homem pertence simultaneamente aos três reinos: é um Espírito encarnado.

7. As leis que regem o mundo moral estão formuladas no decálogo, mas se resumem neste admirável preceito de Jesus: Amai a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a vós mesmos.

8. Toda derrogação da lei constitui uma perturbação na harmonia universal. Ora, Deus não permite que tal perturbação persista e a ordem deve ser necessariamente restabelecida.

9. Existe uma lei destinada à reparação da desordem no mundo moral, e esta lei está contida por inteiro na palavra: *expição*.

10. A expiação efetua-se: 1^o – pelo arrependimento e os atos de virtude; 2^o – pelo arrependimento e as provas; 3^o – pelas preces e as provas do justo, unidas ao arrependimento do culpado.

11. A prece e as provas do justo, embora concorram da maneira mais eficaz para a harmonia universal, são insuficientes para a expiação absoluta da falta; Deus exige o arrependimento do pecador; mas com esse arrependimento, a prece do justo e sua penitência em favor do culpado basta, à eterna justiça, e o crime é perdoado.

12. A vida e a morte de Jesus põem em evidência esta adorável verdade.

13. Sem livre-arbítrio não há pecado, mas também não há virtude.

14. O que é a virtude? A coragem no bem.

15. O que há de mais belo no mundo não é, como disse um filósofo, o espetáculo de uma grande alma lutando contra a adversidade; é o esforço perpétuo de uma alma progredindo no bem e, de virtude em virtude, elevando-se até o Criador.

16. Qual a mais bela de todas as virtudes? A caridade.

17. O que é a caridade? É o atributo especial da alma que, em suas ardentes aspirações para o bem, esquece de si mesma e se consome em esforços pela felicidade do próximo.

18. O saber está muito abaixo da caridade; ele nos eleva na hierarquia espírita, mas não contribui para o restabelecimento da ordem perturbada pelo mau. O saber nada expia, nada resgata, em nada influi sobre a justiça de Deus: a caridade, ao contrário,

expia e apazigua. O saber é uma qualidade; a caridade, uma virtude.

19. Ao encarnar os Espíritos, qual foi o desígnio de Deus? Criar, para uma parte do mundo espiritual, uma situação sem a qual não existiria nenhuma das grandes virtudes que nos enchem de respeito e de admiração. Com efeito, sem o sofrimento não há caridade; sem o perigo não há coragem; sem o infortúnio não há devotamento; sem a perseguição não há estoicismo; sem a cólera não há paciência, etc. Ora, sem a corporeidade, com o desaparecimento desses males, desapareceriam essas virtudes.

Para o homem um pouco desprendido dos laços da matéria, neste conjunto do bem e do mal há uma harmonia, uma grandeza de ordem mais elevada que a harmonia e a grandeza do mundo exclusivamente material.

Isto responde em poucas palavras às objeções fundadas sobre a incompatibilidade do mal com a bondade e a justiça de Deus.

Seria preciso escrever volumes e mais volumes para desenvolver convenientemente essas diversas proposições. Entretanto, o objetivo desta comunicação não é oferecer à Sociedade uma tese filosófica e religiosa; eu quis apenas formular algumas verdades cristãs em harmonia com a Doutrina Espírita. Em minha opinião, tais verdades constituem a base fundamental da religião e, longe de enfraquecer-se, fortificam-se com as revelações espíritas. Permito-me, também, externar uma queixa contra os ministros do culto, que, enceguecidos pela demoniofobia, recusam o esclarecimento e condenam sem exame. Se os cristãos abrissem os ouvidos às revelações dos Espíritos, tudo quanto no ensino religioso perturba nossos corações ou revolta a nossa razão desvanecer-se-ia de repente. Sem se modificar em sua essência, a religião ampliaria o círculo de seus dogmas, e os lampejos da verdade nova consolariam e iluminariam as almas. Se é certo, como

diz o Padre Ventura, que as doutrinas filosóficas ou religiosas acabam invencivelmente por se traduzirem nos atos ordinários da vida, é bem evidente que uma nação iniciada no Espiritismo tornar-se-ia a mais admirável e a mais feliz das nações.

Dir-se-á que uma sociedade verdadeiramente cristã seria perfeitamente feliz. Concordo. Mas o ensino religioso tanto se faz pelo temor quanto pelo amor; e os homens, dominados por suas paixões, querendo a qualquer preço se libertar dos dogmas que os ameaçam, serão sempre tão numerosos que o grupo dos cristãos perseverantes constituirá sempre uma fraca minoria. Os cristãos são numerosos, mas os verdadeiros cristãos são raros.

Não acontece assim com o ensino espírita. Embora sua moral se confunda com a do Cristianismo e, como este, pronuncie palavras cominatórias, há tão rico tesouro de consolações; é, ao mesmo tempo, tão lógico e tão prático; lança uma luz tão intensa sobre o nosso destino; afasta tão bem as trevas que perturbam a razão e as perplexidades que atormentam os corações, que, na verdade, parece impossível a um espírita sincero negligenciar um só dia trabalhar pelo seu progresso e, assim, não contribuir para restabelecer a harmonia perturbada pelo transbordamento das paixões egoístas e cúpidas.

Pode-se, pois, afirmar que, propagando as verdades que temos a felicidade de conhecer, trabalhamos pela Humanidade e nossa obra será abençoada por Deus. Para que um povo seja feliz, é necessário que o número dos que querem o bem, que praticam a lei da caridade, supere o dos que querem o mal e só praticam o egoísmo. Creio em minha alma e estou consciente de que o Espiritismo, apoiado no Cristianismo, é chamado a operar esta revolução.

Imbuído de tais sentimentos e querendo, na medida de minhas forças, contribuir para a felicidade de meus semelhantes, ao

mesmo tempo em que busco tornar-me melhor, peço, Sr. Presidente, para fazer parte de vossa Sociedade.

Aceitai, etc.

De Grand-Boulogne, doutor em Medicina,
Antigo Vice-Cônsul da França

Observação – Esta carta dispensa comentários e cada um apreciará o elevado alcance dos princípios nela formulados, de uma maneira ao mesmo tempo tão profunda, tão simples e tão clara. São esses os princípios do verdadeiro Espiritismo, que certos homens ousam ridicularizar, pois reclamam o privilégio da razão e do bom-senso, por não saberem se têm uma alma e não fazerem diferença entre o seu e o futuro de uma máquina. Acrescentaremos apenas uma observação: *Bem compreendido*, o Espiritismo é a salvaguarda das idéias verdadeiramente religiosas que se extinguem; contribuindo para a melhoria das criaturas, provocará, pela força das coisas, o melhoramento das massas, e não está longe o tempo em que os homens haverão de compreender que nesta doutrina encontrarão o mais fecundo elemento da ordem, do bem-estar e da prosperidade dos povos; e isto por uma razão muito simples: é que ela destrói o materialismo, que desenvolve e alimenta o egoísmo, fonte perpétua de lutas sociais, e lhe dá uma razão de ser. Uma sociedade cujos membros fossem guiados pelo amor do próximo, que inscrevesse a caridade no frontispício de todos os seus códigos, seria feliz e em breve veria apagarem-se os ódios e as discórdias. O Espiritismo pode realizar este prodígio e o fará, apesar dos que ainda o agridem, porquanto passarão os agressores, mas o Espiritismo permanecerá.

O Trapeiro da Rua des Noyers

Sociedade, 29 de junho de 1860

Sob o título de *Cenas de feitiçaria no século XIX*, o *Droit* relata o seguinte:

“Um fato muito estranho vem ocorrendo atualmente na Rua des Noyers. O Sr. Lesage, ecônomo do Palácio de Justiça, ocupa um apartamento nessa rua. Desde algum tempo projéteis vindos não se sabe de onde vêm quebrar as vidraças, penetrando o interior da casa e atingindo os que ali se encontram, de modo a feri-los mais ou menos gravemente. São fragmentos bastante consideráveis de lenha semicarbonizados, pedaços de carvão de pedra muito pesados e até dos chamados carvões de Paris. A doméstica do Sr. Lesage recebeu vários no peito, resultando em fortes contusões.

“A vítima desses sortilégios acabou por requerer a assistência da polícia. Agentes foram postos em vigilância; mas eles próprios não tardaram a ser atingidos pela mesma artilharia invisível, sendo-lhes impossível saber de onde vinham os golpes.

“Tendo a existência se tornado insuportável numa casa em que surpresas desagradáveis poderiam ocorrer a qualquer momento, o Sr. Lesage solicitou ao proprietário a rescisão do contrato. Aceito o pedido, e a fim de redigir a ata rescisória, mandaram vir o Sr. Vaillant, oficial de justiça, cujo nome convinha perfeitamente numa circunstância em que as citações não poderiam ser feitas sem perigo.

“Com efeito, tão logo o funcionário ministerial começou a redigir o ato, um enorme pedaço de carvão, lançado com extrema violência, entrou pela janela e foi bater contra a parede, reduzindo-se em pó. Sem se perturbar, o Sr. Vaillant serviu-se do pó para espalhá-lo sobre a página que acabava de escrever, da mesma forma que, outrora, Junot se servira da terra levantada pela bomba.

“Em 1847 ocorreu um fato análogo na Rua des Grès, cujo relato então fizemos. Um tal L..., mercador de carvão, também servia de alvo a fantásticos sagitários, e essas incompreensíveis emissões de pedras punham em polvorosa todo o quarteirão.

Paralelamente à casa habitada pelo carvoeiro havia um terreno vago, em meio ao qual se achava a antiga igreja da Rua des Grès, hoje Escola dos Frades da Doutrina Cristã. A princípio imaginaram que de lá partiam os projéteis, mas logo tal ilusão se desfez. Quando vigiavam de um lado, as pedras chegavam do outro. Entretanto, eles acabaram surpreendendo em flagrante o mágico, que não era outro senão o próprio Sr. L... Tinha recorrido a essa fantasmagoria porque estava descontente na casa e desejava rescindir o contrato.

“Não foi o que se deu com o Sr. Lesage, cuja honorabilidade excluía qualquer idéia de artimanha e, aliás, estava muito contente com o seu apartamento e o deixou com pesar.

“Espera-se que o inquérito, conduzido pelo Sr. Hubaut, comissário do bairro da Sorbonne, esclareça o mistério, que talvez não passe de uma brincadeira de mau gosto, excessivamente prolongada”.

1. [A São Luís] Teríeis a bondade de dizer-nos se são reais os fatos acima relatados? Quanto à sua possibilidade, não duvidamos.

Resp. – Sim. Os fatos são verdadeiros; apenas a imaginação dos homens os ampliou, seja por medo, seja por ironia. Mas, repito, são verdadeiros. Tais manifestações são provocadas por um Espírito que se diverte à custa dos habitantes do lugar.

Observação – Desde então tivemos oportunidade de ver o próprio Sr. Lesage, que nos honrou com sua visita e não somente confirmou os fatos, mas os completou e retificou em vários pontos. São Luís tinha razão ao dizer que foram ampliados pelo medo ou pela ironia. Com efeito, a história da poeira recolhida estoicamente pelo corajoso oficial de justiça, à guisa de Junot, foi uma invenção do divertido jornalista. No próximo número daremos uma relação completamente exata dos fatos, com as novas observações que terão ensejado.

2. Há na casa uma pessoa que seja a causa dessas manifestações?

Resp. – Estas são sempre causadas pela presença da pessoa atacada; é que o Espírito perturbador se vincula ao morador do lugar onde se acha, quer cometer maldades e, até mesmo, fazê-lo mudar-se.

3. Perguntamos se, entre os moradores da casa, existe alguém que seja a causa desses fenômenos por uma influência mediúnica e involuntária?

Resp. – É mesmo necessário; sem isso o fato não poderia ocorrer. Um Espírito habita um lugar de sua predileção; fica na inação até que se apresente ali alguém cuja natureza lhe seja conveniente. Quando essa pessoa chega, ele se diverte o quanto pode.

4. Esses Espíritos são sempre de ordem muito inferior. A aptidão para lhes servir de instrumento é uma presunção desfavorável à pessoa? Isso não denota uma simpatia com os seres dessa natureza?

Resp. – Não exatamente, porquanto tal aptidão depende de uma disposição física. Entretanto, muitas vezes denuncia uma tendência material que seria preferível não se ter, pois quanto mais elevado se for moralmente, mais se atraem os Espíritos bons, que necessariamente afastam os maus.

5. Onde o Espírito obtém os projéteis de que se serve?

Resp. – Na maioria das vezes esses objetos são colhidos nos próprios lugares. Uma força proveniente de um Espírito os lança no espaço, caindo no local designado pelo Espírito. Quando não existem nesses lugares, pedras, carvões, etc., podem por eles ser fabricados muito facilmente.

Observação – Na *Revista* do mês de abril de 1859 publicamos a teoria completa desses tipos de fenômenos, nos artigos: *Mobiliário de Além-Túmulo* e *Pneumatografia ou escrita direta*.

6. Julgais que seria útil evocar esse Espírito para pedir-lhe algumas explicações?

Resp. – Evocai-o, se quiserdes; mas é um Espírito inferior que só dará respostas muito insignificantes.

Sociedade, 29 de junho de 1860

1. Evocação do Espírito perturbador da Rua des Noyers.

Resp. – Por que me chamais? Quereis pedradas? Seria, então, um salve-se quem puder, não obstante o vosso ar de bravura.

2. Mesmo que nos atirasses pedras, não teríamos medo. Pergunto se de fato tu as podes lançar.

Resp. – Aqui talvez não pudesse; tendes um guarda que vela bem por vós.

3. Na Rua des Noyers havia alguém que te servia de auxiliar para facilitar as brincadeiras de mau gosto com os habitantes da casa?

Resp. – Certamente; encontrei um bom instrumento e nenhum Espírito douto, sábio e virtuoso para me impedir. Porque sou alegre, às vezes gosto de me divertir.

4. Qual era a pessoa que te servia de instrumento?

Resp. – Uma criada.

5. Ela te servia de auxiliar sem que o soubesse?

Resp. – Oh, sim! Pobre *menina!* Era a mais apavorada.

6. Entre as pessoas que se encontram aqui, haverá alguma capaz de te auxiliar a produzir efeitos semelhantes?

Resp. – Bem que eu poderia encontrar uma, se ela quisesse prestar-se a isso; mas não para manipular aqui.

7. Podes designá-la?

Resp. – Sim. Ali, à direita daquele que fala; ele usa óculos.

Observação – Com efeito, o Espírito designa um membro da Sociedade, que é um pouco médium escrevente, mas que nunca produziu nenhuma manifestação física. É provável que seja uma nova brincadeira do Espírito.

8. Ages com objetivo hostil?

Resp. – Não tenho nenhum objetivo hostil; mas os homens, que se apoderam de tudo, tirarão sua vantagem.

9. Que queres dizer com isto? Não te compreendemos.

Resp. – Procurava divertir-me, mas estudais a coisa e tendes um fato a mais para mostrar que existimos.

10. Onde conseguias os objetos que atiravas?

Resp. – São muito comuns; encontrei-os no pátio e nos jardins vizinhos.

11. Encontraste *todos* ou fabricaste alguns?

Resp. – Nada criei, nada compus.

12. Se não os tivesses encontrado, poderias fabricá-los?

Resp. – Teria sido mais difícil; mas, a rigor, a gente mistura matérias e isto faz um todo qualquer.

13. Dize-nos, agora, como os lançaste?

Resp. – Ah! Isto é mais difícil de dizer; servi-me da natureza elétrica daquela menina, junto à minha, menos material. Assim, pudemos ambos transportar aqueles diversos materiais. (Vide a nota que segue à evocação).

14. Imagino que gostarias de dar algumas informações a teu respeito. Em primeiro lugar, dize-nos se morreste há muito tempo?

Resp. – Há muito tempo; há bem uns cinqüenta anos.

15. Que eras em vida?

Resp. – Não era grande coisa; costurava molambos

neste bairro. Algumas vezes me diziam tolices, porque gostava muito do licor vermelho do ingênuo Noé. Assim, eu queria que todos sumissem daqui.

16. Foi por ti mesmo e de boa vontade que respondeste às nossas perguntas?

Resp. – Eu tinha um orientador.

17. Quem é esse orientador?

Resp. – O vosso bom rei Luís.

Observação – Esta pergunta foi motivada pela natureza de certas respostas, que parecem ultrapassar o alcance do Espírito, pelo fundo das idéias e mesmo pela forma da linguagem. Nada há de surpreendente tenha sido ele auxiliado por um Espírito mais esclarecido, que queria aproveitar a ocasião para nos instruir. Isto é um fato muito comum. Mas – notável particularidade nesta circunstância – a influência do outro Espírito se fez sentir sobre a própria letra: a das respostas onde interferiu é mais regular e corrente; a das outras é angulosa, grosseira, irregular, geralmente pouco legível e mostra um caráter diverso.

18. Que fazes agora? Ocupas-te com o teu futuro?

Resp. – Ainda não; erro. Pensam tão pouco em mim aí na Terra, que ninguém ora por mim. Assim, não sou ajudado e não trabalho.

19. Qual era teu nome quando vivias?

Resp. – Jeannet.

20. Muito bem! Oraremos por ti. Dize-nos se nossa evocação te deu prazer ou te contrariou?

Resp. – Antes prazer, porquanto sois criaturas boas, alegres, embora um pouco austeros. Tanto faz: ouvistes a mim e estou contente.

Jeannet

Observação – A explicação dada pelo Espírito à pergunta 13 está perfeitamente conforme à que nos foi dada, há tempos, por outros Espíritos, quanto à maneira por que agem para operar o movimento e a translação das mesas e de outros objetos inertes. Quando nos damos conta dessa teoria, o fenômeno parece muito simples. Compreende-se que diz respeito a uma lei da Natureza, e não é mais maravilhoso que os demais efeitos cujas causas desconhecemos. Esta teoria se acha completamente desenvolvida nos números da *Revista* de maio e junho de 1858.

Diariamente a experiência nos confirma a utilidade das teorias que temos dado dos fenômenos espíritas. Uma explicação racional desses fenômenos devia resultar em melhor compreensão da sua possibilidade e, por isso mesmo, dar convicção. Eis por que muitas pessoas que não se tinham convencido pelos mais extraordinários fatos, convenceram-se desde que puderam compreender o porquê e o como. Acrescentamos que, para muitos, essas explicações fazem desaparecer o maravilhoso, repondo os fatos, por mais insólitos que sejam, na ordem das coisas naturais, isto é, não sendo derrogações das leis da Natureza, nem tendo o diabo coisa alguma a ver com isso. Quando ocorrem espontaneamente, como na Rua des Noyers, quase sempre encontramos oportunidade para fazer algum benefício ou aliviar alguma alma.

Sabe-se que em 1849 fatos semelhantes ocorreram na Rua des Grès, perto da Sorbonne. O Sr. Lerible, que foi a vítima, acaba de dar um desmentido pelos jornais que o acusaram de fraude, citando-os perante os tribunais. Os considerandos de sua representação merecem ser referidos:²⁶

26 **N. do T.:** Reproduzimos os considerandos da maneira como se encontram no original francês, inclusive com a repetição de parágrafos idênticos, ou quase idênticos.

Ano de mil oitocentos e sessenta, nove de julho, a requerimento do Sr. Lerible, antigo negociante de carvão e lenha, proprietário, residente em Paris, à Rua de Grenelle-Saint-Germain, 64, eleitor, com domicílio em sua propriedade;

Eu, Aubin Jules Demonchy, oficial de justiça do Tribunal Civil do Sena, sediado em Paris, residente à Rua des Fossés Saint-Victor, 43, abaixo-assinado, notifico ao Sr. Garat, gerente do jornal *Patrie*, nos escritórios do dito jornal, sitos em Paris, à Rua du Croissant, onde estando e falando a uma mulher de confiança, assim declarei:

Determinar a inserção, em resposta ao artigo publicado em 27 de junho último, nos *Fatos* do jornal *Patrie*, da citação seguinte, feita pelo requerente ao gerente do jornal *Droit*, com a oferta que faz o requerente de cobrir os gastos da publicação, caso sua resposta exceda o número de linhas que a lei autoriza a publicar:

“No ano de mil oitocentos e sessenta, a cinco de julho, a requerimento do Sr. Lerible, antigo negociante de carvão e lenha, proprietário, residente em Paris, à Rua de Grenelle-Saint-Germain, 64, eleitor, domiciliado em sua propriedade;

“Eu, Aubin Jules Demonchy, oficial de justiça do Tribunal Civil do Sena, sediado em Paris, residente à Rua des Fossés Saint-Victor, 43;

“Citei o Sr. François, em nome e como gerente do jornal *Droit*, nos escritórios do mesmo jornal, sitos em Paris, à Praça Dauphine, onde estando e falando a...

“A comparecer em 8 de agosto de 1860 à audiência perante os senhores presidente e juízes que compõem a sexta câmara do Tribunal de Primeira Instância do Sena, estatuinto em matéria de polícia correcional, no Palácio da Justiça de Paris, às dez horas da manhã, para:

“Considerando que em seu número de 26 de junho último e por ocasião dos fatos que se teriam passado numa casa da Rua des Noyers, o jornal *Droit* refere que fatos análogos teriam ocorrido em 1847, numa casa da Rua des Grès;

“Que o redator acompanha suas observações por explicações que levam a crer que os ataques de que foi alvo a casa da Rua des Grès, em 1847, emanavam do próprio locatário, que os teria praticado de má-fé, a fim de obter, por meio de uma especulação desonesta, a rescisão do contrato de aluguel;

“Tendo em vista que os fatos assinalados pelo jornal *Droit* realmente ocorreram, não em 1847, mas em 1849, na casa que o requerente ocupava naquela época à Rua des Grès;

“Que, muito embora o nome do requerente seja indicado no artigo do *Droit* apenas por uma inicial, a designação exata de sua indústria, a dos locais que habitava e, enfim, que a relação dos fatos em exame foram colhidos pelo próprio jornal, apontam suficientemente o requerente como sendo o autor das manobras atribuídas à pessoa que ocupava a casa da Rua des Grès;

“Visto como essas imputações são capazes de atingir a honra e a consideração do requerente;

“Que são tanto mais repreensíveis quanto nenhuma das verificações, a respeito dos acontecimentos de que se trata, teriam sido realizadas, e que, a exemplo daqueles de que parece ter sido teatro a Rua des Noyers, ficaram sem explicação;

“Que, ademais, o requerente era proprietário, desde 1847, da casa e do terreno que ocupava na Rua des Grès; que a suposição a que chegou o diretor do *Droit* não tem nenhuma razão de ser e jamais foi formulada;

“Considerando-se que os termos utilizados pelo jornal *Droit* constituem uma difamação e estão sujeitos à aplicação das penas previstas em lei;

“Que todos os jornais de Paris se aproveitaram do artigo do *Droit* e que a honra do requerente sofreu, em razão dessa publicidade, uma ofensa cuja reparação lhe é devida;

“Por estes motivos:

“Resolve aplicar ao Sr. François as penas estabelecidas em lei, condenando-o, em pessoa, a indenizar o requerente por danos e perdas que este se reserva para reclamar em audiência, os quais declara, no momento, empregar em benefício dos pobres; que, além disso, o julgamento a ser feito seja inserido em todos os jornais de Paris, por conta do citado, que deverá pagar, também, as custas do processo, sob todas as reservas.

“E, para que o supracitado não ignore, deixei em seu domicílio uma cópia de igual teor do presente ato.

“Custas: 3 fr. 55 c.

“Assinado: Demonchy

“Registrado em Paris, em 6 de julho de 1860. Recebidos 2 fr. e 20 c.

“Assinado: Duperron

“Declarando ao supracitado que se não satisfazer à presente intimação, o requerente apelarà pelas vias de direito;

“Deixei em seu domicílio uma cópia de igual teor do presente ato.

“Custas: 9 fr. e 10 c.

“Demonchy”

Conversas Familiares de Além-Túmulo

THILORIER, O FÍSICO

Thilorier ocupava-se ativamente na pesquisa de um motor destinado a substituir o vapor e pensou tê-lo encontrado no ácido carbônico, que conseguira condensar. Na época o vapor era considerado um meio de locomoção grosseiro e primitivo. A respeito, lê-se a seguinte notícia na crônica do *Patrie*, de 22 de setembro de 1859:

Se Thilorier tivesse achado um motor de potência sem igual, ao lado do qual o vapor não passasse de mera puerilidade, teria ainda de regular a sua força, e três ou quatro vezes os ensaios que ele havia tentado lhe foram funestos. Ao explodir, os aparelhos o cobriram de numerosas feridas, provocando uma surdez quase completa no mártir da Ciência.

Entrementes, julgou-se de bom alvitre reproduzir a experiência da condensação do ácido carbônico no Colégio de França. Por imprudência ou por um acaso funesto, o aparelho quebrou-se, explodiu, feriu gravemente várias pessoas, custou a vida a um auxiliar do professor e arrancou um dedo de Thilorier.

Não foi o dedo que ele lamentou, mas o descrédito lançado sobre o novo motor, que havia descoberto. O medo apoderou-se de todos os cientistas e estes se recusaram a render-se a todos esses ingênuos argumentos de Thilorier: “Meu aparelho de condensação já estourou vinte vezes em minhas mãos, mas é a primeira que mata alguém! Nunca fez mais do que me ferir.” Só o nome do ácido carbônico afugentava todo o Instituto, sem contar a Sorbonne e o Colégio de França.

Um pouco triste Thilorier recolheu-se em seu laboratório mais do que o fazia habitualmente. Os que o estimavam notaram desde logo que uma profunda mudança se operava em seus hábitos. Passava dias inteiros sem pensar em pôr seu gato

sobre os joelhos, andava a grandes passadas e não tocava mais em suas retortas e alambiques. Quando, por acaso, saía de casa era simplesmente para parar no meio da rua, sem dar atenção à curiosidade e ao espanto que excitava nos transeuntes.

Como fosse um homem de fisionomia suave e distinta, com belos cabelos que começavam a embranquecer, e levasse na lapela da sobrecasaca azul o distintivo da Legião de Honra, o olhavam sem muita zombaria. Movida pela compaixão, uma moça o tomou um dia pelo braço e o acompanhou em seu passeio. Ele nem pensou em agradecer à sua amável benfeitora. Passava ao lado dos melhores amigos sem os perceber e sem responder quando lhe dirigiam a palavra. A idéia fixa se havia apoderado dele, essa nuance imperceptível que separa o gênio da loucura.

Certo dia conversava no laboratório com um de seus amigos:

Então, disse ele, finalmente resolvi o meu problema! Como sabes, há algumas semanas meu aparelho de condensação quebrou-se na Sorbonne...

– Algumas semanas? interrompi-o. Mas já se passaram vários anos!

– Ah! continuou ele sem se desconcertar; então levei tanto tempo para resolver o meu problema? Afinal de contas, que importam algumas semanas ou anos, desde que tenho a solução! Sim, meu amigo, não só uma explosão é impossível, mas, ainda, essa força terrível, eu a domino! Faço dela o que quiser! É minha escrava! Posso empregá-la à vontade para arrastar massas enormes, movimentar máquinas gigantescas, ou obrigá-la a movimentar-se com os mais delicados e frágeis impulsos!

E como eu o encarasse com estupefação:

– Palavra de honra que ele duvida do que lhe digo!

exclamou, rindo. Mas olha estes planos, estes desenhos; e se não crês em teus olhos, escuta-me!

Então, com uma lucidez que não deixava nenhuma margem à dúvida, mesmo para um homem estranho aos arcanos da Ciência, discorreu sobre os meios de que dispunha para pôr em ação sua obra. Não se lhe podia fazer uma só objeção: em todos os pontos sua teoria era irrefutável.

– Preciso de três dias para fazer meu aparelho, continuou ele. Quero construí-lo inteiramente com minhas mãos. Vem ver-me depois de amanhã... E tu, que não me abandonaste, tu que não duvidaste de mim, tu, cuja pena me defendeu, serás o primeiro a usufruir e a compartilhar do meu sucesso.

Fui fiel, com efeito.

Quando passei pela portaria, a encarregada me chamou.

– Ah! Senhor, disse-me ela, que grande desgraça, não é mesmo? Um homem tão bom! Um verdadeiro filho da bondade! Morrer tão depressa!

– Mas quem?

– O Sr. Thiloriet. Morreu agora mesmo.

Infelizmente ela dizia a verdade. Meu infeliz amigo fora atingido de morte súbita em seu laboratório.

Que aconteceu à sua descoberta? Com ele não foi encontrado nenhum vestígio dos desenhos que me havia mostrado; suas notas, se é que as deixou, foram igualmente perdidas. Teria resolvido o grande enigma que procurava? Só Deus o sabe! Deus, que não lhe permitira transmitir seu pensamento sublime, ou louco, senão a um profano, incapaz de discernir o verdadeiro do falso e, sobretudo, de se lembrar da teoria sobre a qual o inventor se baseava.

Seja como for, hoje a condensação do ácido carbônico não passa de experiência curiosa, que os professores raramente demonstram em seus cursos.

Se Thilorier tivesse vivido mais alguns dias, quem sabe não teria o ácido carbônico modificado a face do mundo?

Sam

Thilorier havia ou não achado o que buscava? Em todo caso, seria interessante saber o que a respeito ele pensava como Espírito.

1. Evocação.

Resp. – Eis-me alegre em vossa companhia.

2. Desejamos conversar convosco, porque pensamos que só teríamos a lucrar numa conversa com o Espírito de um cientista, como fostes em vida.

Resp. – O Espírito de um sábio muitas vezes é mais elevado na Terra do que no Céu. Entretanto, quando a ciência for companheira da proibidade, isto será uma garantia da superioridade espírita.

3. Como físico, vos ocupastes especialmente na procura de um motor para substituir o vapor e pensáveis havê-lo encontrado no ácido carbônico condensado. Que pensais disso agora?

Resp. – Minha idéia era de tal modo fixa neste assunto, que sonhei, na véspera de minha morte, ou, para ser mais exato, no momento de minha ressurreição espiritual.

4. Alguns dias antes de morrer, pensáveis ter encontrado a solução da dificuldade prática. Achastes realmente esse meio?

Resp. – Digo-vos que a superexcitação da imaginação me provocara um sonho fantástico, que enunciei desperto. Era, em termos exatos, aquilo a que chamais loucura. O que eu tinha sonhado não era absolutamente aplicável.

5. Estáveis aqui quando foi lida a notícia que vos diz respeito?

Resp. – Sim.

6. Que pensais dela?

Resp. – Pouca coisa; repouso no seio do meu anjo-da-guarda, porquanto minha pobre alma saiu bastante machucada de meu corpo miserável.

7. Apesar disso, poderíeis responder a algumas perguntas relativas às ciências?

Resp. – Sim; por um momento quero mesmo entrar no labirinto da Ciência.

8. Pensais que um dia o vapor será substituído por outro motor?

Resp. – Este será ainda mais aperfeiçoado. Todavia, creio que no futuro a inteligência humana achará um meio de o simplificar ainda mais.

9. Que pensais do ar condensado, como motor?

Resp. – O ar condensado é um excelente motor, mais leve que o vapor e mais econômico. Quando se souber dirigir o seu emprego, terá mais força e, portanto, mais velocidade.

10. Que pensais agora do ácido carbônico condensado, utilizado para tal fim?

Resp. – Eu ainda estava muito atrasado. Serão necessárias numerosas experiências e longos e difíceis estudos para se chegar a um resultado satisfatório. A Ciência ainda tem tanto a fazer!

11. Dos diferentes motores de que se ocupam, qual deles julgais que triunfará?

Resp. – O vapor, agora; mais tarde, o ar condensado.

12. Tornastes a ver Arago?

Resp. – Sim.

13. Discutis entre vós as ciências?

Resp. – Algumas vezes as faculdades de nossa inteligência se voltam para os estudos humanos. Gostamos muito de assistir às experiências que são feitas. Mas quando se volta ao Céu não se pensa mais nisso; e depois, como já vos disse, estou repousando.

14. Ainda uma pergunta, por obséquio, mas muito séria. Caso não possais respondê-la por vós mesmo, tende a bondade de vos fazer assistir por um Espírito mais competente.

Sempre nos disseram que os Espíritos sugerem idéias aos homens e que muitas descobertas têm essa origem. Mas como nem todos os Espíritos sabem tudo e, por isso, procuram instruir-se, poderíeis dizer-nos se alguns deles fazem pesquisas e descobertas no estado de Espírito?

Resp. – Sim. Quando um Espírito chegou a um grau bastante avançado, Deus lhe confia uma missão e o encarrega de ocupar-se de tal ou qual ciência útil aos homens. É então que essa inteligência, obediente a Deus, busca nos segredos da Natureza, que Deus lhe permite entrever, tudo quanto for necessário que ele aprenda para isto. E quando estudou bastante, dirige-se a um homem capaz de apreender aquilo que, por sua vez, pode ensinar. De repente esse homem é torturado por um pensamento; só pensa nele; fala dele a todo instante; sonha com ele todas as noites; ouve vozes celestes que lhe falam. Depois, quando tudo está bem desenvolvido em sua cabeça, esse homem anuncia ao mundo uma descoberta ou um aperfeiçoamento. É assim que os homens, em sua maior parte, são inspirados.

15. Somos gratos pela gentileza das respostas e por terdes abandonado vosso repouso por alguns instantes para atender-nos.

Resp. – Pedirei a Deus que vele por vós e vos inspire.

Nota – A Sra. G..., que algumas vezes vê os Espíritos, descreve as impressões recebidas durante a evocação de Thilorier: viu um Espírito que julga ser o dele.

16. [A São Luís] Poderíeis dizer-nos se realmente foi o Espírito Thilorier que a Sra. G... viu?

Resp. – Não é exatamente esse Espírito que esta senhora acaba de ver; mais tarde seus olhos estarão habitados a discernir a forma do perispírito e ela distinguirá os Espíritos perfeitamente. No momento é uma espécie de miragem.

Nota – As perguntas complementares que seguem também foram dirigidas a São Luís.

17. Se os autores de descobertas são assistidos por Espíritos que lhes sugerem idéias, como é que alguns homens crêem inventar e nada inventam, ou só inventam quimeras?

Resp. – É que são iludidos por Espíritos enganadores que, achando seu cérebro aberto ao erro, deles se apoderam.

18. Como se explica que o Espírito escolha, com tanta freqüência, homens incapazes de levar uma descoberta a bom termo?

Resp. – São os cérebros desprovidos de previsão humana os mais capazes de receber a perigosa semente do desconhecido. O Espírito não escolhe tal homem por ser incapaz; é o homem que não sabe fazer frutificar a semente que lhe é dada.

19. Mas, então, é a Ciência que sofre com isso, e isto não explica por que o Espírito não se dirige preferencialmente a um homem capaz.

Resp. – A Ciência não sofre, porquanto o que um esboça o outro termina, e, durante o intervalo, a idéia amadurece.

20. Quando uma descoberta é feita prematuramente, obstáculos providenciais poderão opor-se à sua divulgação?

Resp. – O desenvolvimento de uma idéia útil jamais é detido. Deus não o permitiria; é preciso que ela siga o seu curso.

21. Quando Papin descobriu a força motriz do vapor, numerosos ensaios foram feitos para utilizá-lo e obtiveram-se resultados bastante satisfatórios, mas que ficaram no estado de teoria. Como se explica que tão grande descoberta ficasse adormecida durante tanto tempo, desde que se possuíam os seus elementos? Não faltavam homens capazes de a fecundar. Isto foi devido à insuficiência dos conhecimentos ou não era ainda chegado o momento da revolução que ela deveria operar?

Resp. – Para a divulgação das descobertas que transformam o aspecto exterior das coisas, Deus deixa a idéia amadurecer, como as espigas, cujo desenvolvimento o inverno não impede, mas apenas retarda. A idéia deve germinar durante muito tempo, a fim de eclodir no momento em que todos a solicitam. Dá-se o mesmo com as idéias morais, que primeiro germinam e somente se implantam quando chegam à maturidade. O Espiritismo, por exemplo, neste momento em que se tornou uma necessidade, será acolhido como um benefício, porque todas as outras filosofias já foram tentadas, inutilmente, para satisfazer as aspirações do homem.

São Luís

O SUICIDA DA RUA QUINCAMPOIX²⁷

No ano passado os jornais relataram um exemplo de suicídio consumado em circunstâncias especiais. Foi no começo da guerra da Itália. Um pai de família, gozando de estima geral por parte dos vizinhos, tinha um filho que fora sorteado para o serviço militar. Impossibilitado de o eximir de tal serviço, ocorreu-lhe a

27 **N. do T.:** Com ligeiras modificações, Allan Kardec inseriu esta passagem em *O Céu e o Inferno*, 2ª Parte, capítulo V, sob o título de *O Pai e o Conscrito*.

idéia de suicidar-se, a fim de o isentar do mesmo, como filho único de mulher viúva.

Essa morte foi uma prova para o pai ou para a mãe? Em todo caso, é provável que Deus tenha levado em conta o devotamento desse homem, e que o suicídio não tivesse para ele as mesmas conseqüências que outros motivos acarretariam.

[A São Luís] Poderíeis dizer-nos se é possível evocar o Espírito de quem acabamos de nos referir?

Resp. – Sim, e ele ganhará com isso, porque ficará mais aliviado.

1. Evocação.

Resp. – Oh! obrigado! Sofro muito, mas... é justo. Contudo, ele me perdoará.

Observação – O Espírito escreve com grande dificuldade; os caracteres são irregulares e mal-formados; depois da palavra *mas*, ele pára, e, procurando em vão escrever, apenas consegue fazer alguns traços indecifráveis e pontos. É evidente que foi a palavra *Deus* que ele não conseguiu escrever.

2. Tende a bondade de preencher a lacuna com a palavra que deixastes de escrever.

Resp. – Sou indigno de escrevê-la.

3. Dissestes que sofreis; compreendeis que fizestes muito mal em vos suicidar; entretanto, o motivo que vos levou a esse ato não provocou qualquer indulgência?

Resp. – A punição será menos longa, mas nem por isso a ação deixa de ser má.

4. Podereis descrever-nos essa punição, dando o máximo de detalhes para a nossa instrução?

Resp. – Sofro duplamente, na alma e no corpo; e sofro

neste último, conquanto o não possuía, como sofre o operado a falta de um membro amputado.

5. Vossa ação teve por único motivo salvar o filho, ou concorreram para ela outras razões?

Resp. – Fui completamente inspirado pelo amor paterno, porém, mal inspirado. Em atenção a isso, a minha pena será abreviada.

6. Podeis precisar a duração dos vossos padecimentos?

Resp. – Não lhes entrevejo o termo, mas tenho certeza de que ele existe, o que é um alívio para mim.

7. Há pouco não vos foi possível escrever a palavra *Deus* e, no entanto, temos visto Espíritos muito sofredores fazê-lo: será isso uma conseqüência da vossa punição?

Resp. – Poderei fazê-lo com grandes esforços de arrependimento.

8. Pois então fazei esses esforços para escrevê-lo, porque estamos certos de que sereis aliviado.

O Espírito acabou por traçar esta frase com caracteres grossos, irregulares e trêmulos: “Deus é muito bom”.

9. Estamos satisfeitos pela boa vontade com que correspondestes à nossa evocação, e vamos pedir a Deus para que estenda sobre vós a sua misericórdia.

Resp. – Sim, obrigado.

10. [A São Luís] Podereis ministrar-nos a vossa apreciação sobre esse suicídio?

Resp. – Este Espírito sofre justamente, pois lhe faltou a confiança em Deus, falta que é sempre punível. A punição seria maior e mais duradoura, se não houvera como atenuante o motivo louvável de evitar que o filho se expusesse à morte na guerra. Deus, que é justo e vê o fundo dos corações, não o pune senão de acordo com suas obras.

Observação – Por sua ação, este homem talvez tenha impedido a realização do destino de seu filho. Primeiramente, não é certo que fosse morto na guerra e, talvez, essa carreira lhe fornecesse oportunidade de fazer algo que teria sido útil ao seu progresso. Sem dúvida essa consideração não será estranha à severidade do castigo que lhe é infligido. Sua intenção certamente era boa e isto lhe foi levado em conta. A intenção atenua o mal e merece indulgência, mas não impede que o mal seja sempre mal. Sem isso, a favor da intenção poderiam desculpar-se todos os malefícios, até mesmo matar, sob pretexto de uma boa intenção. Acredita-se, por exemplo, que seja permitido matar um homem que sofre sem esperança de cura, pelo motivo de querer abreviar os seus sofrimentos? Não, porque assim agindo, abreviamos a prova que deve sofrer e lhe fazemos mais mal do que bem. Uma mãe que mata o filho, na crença de que o envia diretamente ao céu, será menos culpada porque o fez com boa intenção? Com base nesse sistema, justificaríamos todos os crimes que o fanatismo cego cometeu nas guerras de religião.

Variedades

O PRISIONEIRO DE LIMOGES

O fato seguinte foi comunicado à Sociedade pelo Sr. Achille R..., um de seus membros, conforme carta de um de seus amigos de Limoges, datada de 18 de julho:

“Nesse momento nossa cidade se ocupa de um fato interessante para os espíritas, e que me apresso a fazer passar ao Sr. Kardec por vosso intermédio. Eu mesmo colhi as informações mais detalhadas junto às testemunhas em questão, isto é, na prisão em que se acha, no momento, o herói da aventura.

“Um soldado da 1ª linha, chamado Mallet, foi condenado a um mês de prisão por ter desviado a quantia de três

francos, que pertencia a um de seus camaradas. Sua pena expirará em sete dias. O jovem militar perdeu um irmão de dezenove anos, doméstico, há cerca de oito anos, e desde sete anos ele vê, ao menos de quatro em quatro dias, depois da meia-noite, uma grande chama em meio à qual se destaca um cordeirinho. Esta visão o apavora, mas não ousa falar disso. Quando estava só na prisão, ficou ainda mais apavorado, suplicando ao carcereiro que lhe desse companheiros. Assim, foram para junto dele quatro soldados do 2º Regimento de caçadores montados. À uma hora da madrugada, tendo-se levantado Mallet, as quatro testemunhas também viram a chama e o cordeiro em suas costas.

“Como disse, a aparição se repete muitas vezes; o pobre rapaz fica tão aflito e tão desolado que chora e não mais se alimenta. O cirurgião-mor do regimento quis assegurar-se do fato por si mesmo, mas não ficou bastante tempo, pois a visão só ocorreu uma hora e meia após a sua saída. Um abade de Saint-Michel, o Sr. F..., foi mais feliz, ao que parece, porquanto tomou notas. Visita-lo-ei para lhe perguntar o que pensa a respeito.

“Mas não é tudo. Disse-me o carcereiro ter visto várias vezes a porta da prisão aberta pela manhã, embora a tivesse aferrolhado cuidadosamente na véspera. Aconselharam a Mallet que interrogasse o cordeiro, o que fez na noite passada, e lhe foram respondidas estas palavras, que recolhi textualmente de sua boca: *Manda rezar um De Profundis e missas; sou teu irmão; não voltarei mais.* Tal é a descrição exata dos fatos; eu os entrego ao Sr. Kardec para que faça o uso que julgar conveniente.”

**PERGUNTAS DE UM ESPÍRITA DE SÉTIF
AO SR. OSCAR COMETTANT**

A carta seguinte nos foi enviada por um dos nossos assinantes de Sétif (Argélia), onde há numerosos adeptos que recebem comunicações notáveis, com as quais já entretemos os nossos leitores.

Senhor,

O Sr. Dumas já vos falou de um fenômeno extraordinário que se passou há algum tempo com meu filho de dezesseis anos, portador de singular mediunidade. Cada vez que se faz uma evocação, ele adormece sem ser magnetizado e, em tal estado, responde a todas as perguntas que, por seu intermédio, são dirigidas ao Espírito. Ao despertar, não guarda nenhuma lembrança. Chega até mesmo a responder em latim, inglês e alemão, línguas das quais não tem nenhum conhecimento. É um fato que muitas pessoas puderam constatar e o afirmo sobre o que tenho de mais sagrado, mesmo ao Sr. Oscar Comettant. Tenho em mão um folhetim deste último, de 27 de outubro de 1859, em que está escrito: “Mas em que acreditais? Talvez me pergunte o Sr. Allan Kardec.” Eu, Senhor, não lhe perguntarei se crê em alguma coisa: primeiro, porque isto pouco me importa e, depois, porque há homens que em nada acreditam. O Sr. Oscar Comettant apóia-se na autoridade de Voltaire, que não acreditava naquilo que sua razão não podia compreender. Está errado porque, não obstante o imenso saber que Deus havia dado a Voltaire, há milhares de coisas hoje conhecidas e de que sua razão jamais suspeitou. Ora, ao negar um fato cuja realidade não se deseja constatar, pergunto, em consciência, de que lado está o absurdo.

Dirijo-me diretamente ao Sr. Oscar Comettant e lhe digo: Admitamos não sejam os Espíritos que nos falam; mas, então, dai-nos uma explicação lógica do fato que citei. Se o negais *a priori*, eu vos chamo ao tribunal da razão, que invocais; se me surpreendeis em flagrante delito de mentira, concordo em pedir desculpas ou em passar por louco. Caso contrário, estou pronto a entrar em luta convosco, no terreno dos fatos. Mas, antes de entabular a discussão, perguntar-vos-ei:

1º Se acreditais no sonambulismo natural e se vistes indivíduos nesse estado?

2º Vistes sonâmbulos no momento em que escreviam?

3º Vistes sonâmbulos respondendo a perguntas mentais?

4º Vistes sonâmbulos respondendo em línguas que lhes são desconhecidas?

Preciso de um *sim*, ou um *não*, puro e simples, a todas essas perguntas. Se for sim, passaremos a outra coisa; se for não, encarrego-me de vos fazer ver e, então, podereis explicar-me a coisa à vossa maneira.

Aceitai, etc.

Courtois

Faremos as seguintes reflexões, relativamente à carta acima. É provável que o Sr. Comettant não responda ao Sr. Courtois, como não o fez a outras pessoas que lhe escreveram sobre o mesmo assunto. Se ele estabelecesse uma polêmica, sem dúvida seria no terreno do sarcasmo, terreno sobre o qual sempre diz a última palavra e no qual nenhum homem sério gostaria de acompanhá-lo. Que o Sr. Courtois o deixe, pois, na *momentânea* quietude de sua incredulidade, já que ela lhe basta e ele se contenta em ser matéria. Desde que só tem anedotas a opor, é que nada tem de melhor a dizer. Ora, como as anedotas não são razões, aos olhos das pessoas sensatas é confessar-se vencido.

O Sr. Courtois labora em erro ao levar muito a sério as negações dos incrédulos. Os materialistas não acreditam sequer possuir uma alma e se reduzem ao modesto papel de fantoches. Como podem admitir Espíritos fora deles, quando não acreditam tê-los em si mesmos? Falar-lhes dos Espíritos e de suas manifestações é, pois, começar por onde se deveria terminar. Não admitindo a causa primeira, não podem admitir as conseqüências.

Dir-se-á, por certo, que, se têm raciocínio, devem ceder à evidência. É verdade; mas é precisamente esse raciocínio que lhes falta; aliás, sabe-se muito bem, o pior cego é aquele que não quer ver. Deixemo-los, pois, em paz, porquanto suas negações não mais impedirão que a verdade se espalhe, como não impediram a água de correr.

Ditados Espontâneos e Dissertações Espíritas

Recebidas ou lidas nas sessões da Sociedade

DESENVOLVIMENTO DAS IDÉIAS

A propósito da evocação de Thilorier – Médiun: Sra. Costel

Vou falar da necessidade de reunir elementos diversos do Espírito para formar um todo. É uma ilusão comum acreditar que uma aptidão especial, para se desenvolver, necessite apenas de um estudo especial. Não. O Espírito humano, como um rio, se avoluma com todos os afluentes. O homem não deve isolar-se em seu trabalho, isto é, pelos mais opostos contrastes deve fazer brotar a seiva das idéias. A originalidade é o contraste das idéias-mãe; é uma das mais raras superioridades. Desde a infância ela é abafada pela regra absurda que rebaixa todos os Espíritos ao mesmo nível. Vou explicar minha idéia. Thilorier, que acabam de evocar, era um inventor apaixonado, uma inteligência ativa; mas se havia limitado à esfera da invenção, isto é, na idéia fixa. Jamais se postava à janela para ver passarem as idéias dos outros; assim, ficou prisioneiro de sua própria mente. O gênio flutuava ao seu redor, mas, encontrando todas as saídas fechadas, deixou a loucura, sua irmã, penetrar e invadir o local tão bem guardado. E Thilorier, que teria deixado um nome imortal, vive apenas na lembrança de alguns sábios.

Georges (Espírito familiar)

MASCARADAS HUMANAS

Médium – Srta. Huet

Falarei da necessidade singular que têm os melhores Espíritos de imiscuir-se sempre nas coisas que lhes são mais estranhas. Por exemplo: um excelente comerciante não duvidará um instante de sua aptidão política, e o maior diplomata porá o amor-próprio na decisão das coisas mais frívolas. Esse defeito, comum a todos e a todas, não tem outro móvel senão a vaidade, e só esta tem necessidades artificiais. Para a toaleta, para o espírito, para o próprio coração, ela busca, antes de tudo, o que é falso; vicia o instinto do belo e do verdadeiro; leva as mulheres a desnaturar sua beleza; persuade os homens a buscar precisamente o que lhes é mais prejudicial. Se os franceses não tivessem esse defeito, uns seriam os mais inteligentes do mundo e outras as mais sedutoras Evas conhecidas. Não tenhamos, pois, essa absurda fraqueza; tenhamos a coragem de ser nós mesmos, de levar a cor do nosso Espírito, como a dos nossos cabelos. Mas os tronos ruirão, as repúblicas se estabelecerão, antes que um francês leviano renuncie às suas pretensões de gravidade, e uma francesa às suas pretensões de firmeza. Mascarada contínua, em que cada um veste a roupa de outra época, ou simplesmente a de seu vizinho. Mascarada política, mascarada religiosa em que, arrastados pela vertigem, todos vos buscais loucamente, não encontrando nesse tumulto nem vosso ponto de partida, nem o vosso objetivo.

Delphine de Girardin

O SABER DOS ESPÍRITOS

Médium – Srta. Huet

No estudo do Espiritismo há um erro muito grave que se propaga cada dia mais e que se torna quase o móvel que faz os outros virem a nós: é o de nos julgarem infalíveis em nossas respostas. Pensam que tudo devemos saber, tudo ver, tudo prever. Erro! Certamente, não mais estando nossa alma encerrada num corpo material, como um pássaro numa gaiola, lança-se no espaço;

os sentidos dessa alma tornam-se mais apurados, mais desenvolvidos; vemos e ouvimos melhor; mas não podemos saber tudo, estar em toda parte, porque não temos o dom da ubiqüidade. Que diferença, pois, haveria entre nós e Deus, se nos fosse permitido conhecer o futuro e anunciá-lo com precisão? Isto é impossível. Sabemos mais que os homens, certamente; algumas vezes podemos ler no pensamento e no coração dos que nos falam, mas aí se detém a nossa ciência espírita. Corrigi-vos, pois, da idéia de nos interrogar unicamente para saber o que se passa em tal ou qual parte do vosso globo, em relação a uma descoberta material, comercial, ou para serdes advertidos do que acontecerá amanhã, nos negócios políticos e industriais. Haveremos sempre de vos informar sobre o nosso estado, sobre nossa existência extracorpórea e sobre a bondade e a grandeza de Deus; enfim, sobre tudo quanto possa servir à vossa instrução e à vossa felicidade presente e futura. Mas não nos pergunteis o que não podemos ou não devemos dizer.

Channing

ORIGENS

Médium – Sra. Costel²⁸

No princípio era o Verbo, e o Verbo era Deus. Assim se anuncia no Evangelho de São João. Isto é, no começo estava o princípio e o princípio era Deus, o Criador de todas as coisas, que não hesitou mais na formação do homem, que na do globo. Ele o criou tal qual é hoje, dando-lhe, ao sair de suas mãos, o livre-arbítrio e o poder de progredir. Disse Deus ao mar: Não irás mais longe; ao contrário, falou aos homens, mostrando-lhes o Universo: Tudo isto é vosso; trabalhai, desenvolvei, descobri os tesouros em germe, semeados por toda parte – no ar, nas ondas, no seio da terra; trabalhai e amai; não duvideis de vossa origem divina, ela é direta; não sois os frutos de uma lenta progressão; não passastes pela fieira animal; positivamente sois filhos de Deus. Então, de onde provém o pecado? O pecado foi criado por vossas próprias faculdades, delas sendo o avesso e o exagero.

28 *Nota da Editora:* Ver “Nota Explicativa”, p. 569.

Não houve um primeiro homem, pai do gênero humano, assim como não houve um sol para iluminar o Universo. Deus abriu sua grande mão e, com a mesma profusão, espalhou a raça humana sobre os mundos, como as estrelas nos céus. Espíritos animados por seu sopro logo revelaram sua existência aos homens, muito antes dos profetas que conheceis. Outros enviados desconhecidos haviam esclarecido as almas ignorantes de si mesmas. Simultaneamente com os homens, foram criados os animais, sendo estes dotados de instinto, mas não de inteligência progressiva. Assim, conservaram os tipos primitivos e, salvo a educação individual, são os mesmos do tempo dos patriarcas. Os cataclismos dos dilúvios – porquanto não houve um só, mas vários – fizeram desaparecer raças inteiras de homens e animais; são conseqüências geológicas que ainda vos ameaçam.

Os homens descobrem, mas nada inventam. Assim, as crenças mitológicas não eram meras ficções, mas revelações de Espíritos inferiores. Os sátiros, os faunos eram Espíritos secundários, que habitavam os bosques e os campos, como ainda o fazem hoje. Era-lhes permitido, então, manifestar-se mais amiúde aos olhos dos homens, porque o materialismo não estava depurado pelo Cristianismo nem pelo conhecimento de um Deus único. O Cristo destruiu o império dos Espíritos inferiores, para estabelecer o do Espírito sobre a Terra. Isto é a verdade, que afirmo em nome de Deus Todo-Poderoso.

Lázaro

O FUTURO

Médium – Sr. Coll

O Espiritismo é a ciência de toda a luz; feliz da sociedade que o puser em prática! Somente então a idade de ouro, ou, melhor, a era do pensamento reinará entre vós. E não penseis que por isto tereis menos compensações terrenas; muito ao contrário, tudo será felicidade para vós, porque nesse tempo a luz vos fará ver a verdade sob um clarão mais agradável. O que os

homens ensinarão não será mais essa ciência capciosa, que vos faz ver, sob a máscara enganadora do bem geral, ou de um bem por vir, no qual, muitas vezes, os próprios mestres não têm nenhuma confiança, a mentira e a cupidez, a vontade de tudo ter, em proveito de uma seita e, algumas vezes até, em proveito de um só. Por certo os homens não serão perfeitos; mas, então, o falso será tão restrito, os maus terão tão pouca influência, que serão felizes na sua minoridade. Nesses tempos, os homens compreenderão o trabalho e todos alcançarão a riqueza, porque não desejarão o supérfluo senão para fazer grandes obras em proveito de todos. O amor, esta palavra tão divina, não mais terá a acepção impura que lhe atribuí. Todo sentimento pessoal desaparecerá, ante esse ensinamento tão suave, contido nestas palavras do Cristo: Amai-vos uns aos outros, como a vós mesmos.

Chegados a esta crença, todos sereis médiuns; desaparecerão todos os vícios que degradam vossa sociedade; tudo se tornará luz e verdade. O egoísmo, este verme roedor e retardador do progresso, que asfixia todo sentimento fraterno, não terá mais domínio sobre as vossas almas; vossas ações não mais terão por móvel a cupidez e a luxúria; amareis vossa mulher, porque ela terá uma alma boa e vos quererá, em vós divisando o homem escolhido por Deus, para proteger sua fraqueza; ambos vos auxiliareis a suportar as provas terrenas e sereis os instrumentos votados à propagação de seres destinados a melhorar-se, a progredir, a fim de chegarem a mundos melhores, onde, por um trabalho mais inteligente ainda, havereis de alcançar o nosso supremo benfeitor.

Ide, espíritas! Perseverai; fazei o bem pelo bem; desprezai *suavemente* os gracejadores; lembrai-vos de que tudo é harmonia em a Natureza, que a harmonia está nos mundos superiores e que, malgrado certos Espíritos fortes, tereis também a vossa harmonia relativa.

ELETRICIDADE ESPIRITUAL

Médium – Sr. Didier Filho

O homem é, ao mesmo tempo, um ser muito singular e muito fraco. Singular no sentido de que, em meio aos fenômenos que o cercam, nem por isso deixa de seguir o seu curso ordinário, espiritualmente falando; fraco porque, depois de ter visto e admirado, sorri porque seu vizinho sorriu e não pensa mais naquilo. E notai que aqui falo, não dos seres vulgares, sem reflexão, sem conhecimento. Não; falo de gente inteligente e, na maioria, esclarecida. De onde vem esse fenômeno? Porque, refletindo bem, é um fenômeno moral. Pois que! O Espírito começou a agir sobre a matéria pelo magnetismo e a eletricidade; a seguir entrou no próprio coração do homem e este não o percebe! Estranha cegueira! Cegueira, não produzida por uma causa estranha, mas voluntária, oriunda do Espírito. Em seguida vem o Espiritismo, produzindo uma comoção no mundo, e o homem publicou livros muito sábios, dizendo: é uma causa natural, é simplesmente a eletricidade, uma lei física, etc.; e o homem ficou satisfeito. Mas, crede, o homem ainda terá muitos livros para escrever, antes de poder compreender o que se acha escrito no livro da Natureza: o livro de Deus. A eletricidade, essa sutileza entre o tempo e o que não é mais o tempo, entre o finito e o infinito, não pôde o homem ainda definir. Por quê? Sabei-o: só podereis defini-la pelo magnetismo, essa manifestação material do Espírito. Por ora só conheceis a eletricidade material; mais tarde conhecereis também a eletricidade espiritual, que mais não é que o reino eterno da idéia.

*Lamennais***Desdobramentos da comunicação anterior**

1. Teríeis a bondade de dar-nos alguns esclarecimentos sobre certas passagens de vosso último ditado, que nos parecem um pouco obscuras?

Resp. – Farei o que me for possível no momento.

2. Dizeis: *a eletricidade, essa sutileza entre o tempo e o que não é mais o tempo, entre o finito e o infinito*; esta frase não nos parece muito clara. Teríeis a bondade de expô-la mais detalhadamente?

Resp. – Explico-me assim, da maneira mais simples que posso. Para vós o tempo existe, não é mesmo? Mas não existe para nós. Assim defini a eletricidade: essa sutileza entre o tempo e o que não é mais o tempo, porque esta parte do tempo de que outrora vos devíeis servir para vos comunicardes de um a outro extremo do mundo, esta porção do tempo, digo eu, não existe mais. Mais tarde virá a eletricidade, que não será outra coisa senão o pensamento do homem, transpondo o espaço. Com efeito, não é a imagem mais compreensível entre o finito e o infinito, o pequeno meio e o grande meio? Quero dizer, em síntese, que a eletricidade suprime o tempo.

3. Mais adiante dizeis: *Não conheceis ainda senão a eletricidade material; mais tarde conhecereis também a eletricidade espiritual*. Por isto entendeis os meios de comunicação de homem a homem, por via mediúnica?

Resp. – Sim, como progressos médios; outra coisa virá mais tarde. Dai aspirações ao homem: a princípio ele adivinha; depois vê.

Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas

Esta obra está inteiramente esgotada e não será reimpressa. Será substituída pelo novo trabalho – neste momento no prelo – muito mais completo e que seguirá um outro plano.²⁹

Allan Kardec

29 N. do T.: Allan Kardec faz referência a *O Livro dos Médiums*, que seria lançado em 1861.

